



**PEDAGOGIA**

**BARBARA ANZOLIN**

**RELAÇÕES DE GÊNEROS NA PRIMEIRA INFÂNCIA: MENINA JOGA BOLA!  
MENINO BRINCA DE BONECA?**

**PITANGA - PARANÁ  
2019**

**BARBARA ANZOLIN**

**RELAÇÕES DE GÊNEROS NA PRIMEIRA INFÂNCIA: MENINA JOGA BOLA!  
MENINO BRINCA DE BONECA?**

Projeto de Pesquisa apresentado ao Curso de pedagogia, Área das Ciências humanas da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná-UCP, como requisito à obtenção de grau de Licenciatura em Pedagogia.

Professor Orientador: Me. Edvaldo Lucas Figueiredo.

Pitanga  
2019

M321n (numeração concedida pela Bibliotecária)

IORI JUNIOR, Moacir

Normas para apresentação de trabalhos acadêmicos da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná / Moacir Iori Junior. – Pitanga, 2016.

35 f.

Orientador: Edvaldo Lucas Figueiredo

Trabalho de Conclusão de Curso Licenciatura em pedagogia) – Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná - UCP, 2019.

1. ABNT. 2. Normas de Trabalho Acadêmico. 3. Trabalho de Conclusão de Curso. I. ANZOLIN Barbara, II. FIGUEIREDO, Edvaldo Lucas, (orientador de TCC) III. Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná, UCP. IV. Título  
RELAÇÕES DE GÊNEROS NA PRIMEIRA INFÂNCIA: MENINA JOGA BOLA! MENINO BRINCA DE BONECA?

CDD 001.42

## TERMO DE APROVAÇÃO

**SUBSTITUIR quando for encadernar PELO QUE VOCÊ RECEBEU NO DIA DA DEFESA**

**Barbara Anzolin**

Trabalho de Curso aprovado com nota \_\_\_\_\_ (número extenso) como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel em (Pedagogia) da Faculdade de Ensino Superior do Centro do Paraná, pela seguinte Banca Examinadora:

Orientador (Presidente) Prof: **Edvaldo Lucas figueiredo**  
Curso de (Pedagogia), Faculdade UCP

Membro Prof: **Angelica Scariot**  
Curso de (pedagogia), Faculdade UCP

Membro Prof: **Valdir Machado Guimarães**  
Curso de (pedagogia), Faculdade UCP

Pitanga, 03 de Novembro de 2019.

À Deus,  
Que me agraciou com o dom da vida e me conduziu-me até aqui. Sua presença me deu forças para prosseguir e permitiu chegar, pois nos proporcionou a chance de demonstrar a nossa capacidade para realização desse trabalho que, apesar de árduo, nos proporcionou orgulho, muito obrigada Deus.

Este trabalho é dedicado a todos os que lutam por uma educação de valor com igualdade. E principalmente às crianças, que são a esperança de um futuro .



## **AGRADECIMENTO(S)**

Ao buscar trabalhos monográficos, dissertações, teses, a primeira coisa que acabo fazendo é ler os agradecimentos. Parece-me que ao lê-lo, temos a oportunidade de conhecer um pouquinho mais do/a autor/autora. Ai Céus! são tantas as pessoas para agradecer e para não correr o risco de não esquecer ninguém, vou fazer um retrocesso na minha história pra não esquecer alguém lá atrás.

Agradeço primeiramente a Deus e Nossa Senhora Aparecida por terem me fortalecido durante esta jornada por ter me amparado em cada passo, em cada sonho e todas as dificuldades enfrentadas, e me dando oportunidade de chegar a mais uma importante etapa de minha vida.

Agradeço a minha mãe, minha melhor amiga e companheira, por me ajudar nos momentos difíceis de minha vida, por todas broncas nas horas certas e incertas, por me aconselhar, me apoiar, me incentivar e me manter sempre no caminho certo.

Agradeço ao meu Pai, pois desde pequena me incentivou nos estudos, sem ele eu não teria prazer de ler e escrever que hoje tenho, por sempre acreditar acima de tudo em meu potencial, por todas as forças e palavras gestos e carinho puxões de orelhas que fizeram com que me tornasse uma pessoa melhor.

Imensamente agradeço aos meus pais por que com toda certeza sem eles eu não seria nem a metade que sou hoje, e nem teria chegado aonde cheguei. O amor, e carinho, compreensão, a confiança que depositaram em mim são indispensáveis em minha vida, todo agradecimento que eu fizer será pouco perto de tudo que me proporcionaram.

A minha irmã Marciele, e meu irmão Marcos que com seu jeito irreverente, porém cuidadoso sempre esteve ao meu lado quando eu estava de cabelos em pé e nas crises de choros de quando precisei estudar e quando eu não sabia o que fazer com meu menino, e vocês estiveram ao meu lado nos piores e bons momentos vocês são minhas caixinhas de segredos Amo vocês!

E ao meu filho por ter paciência de ficar ausente, mas é por você que estou aqui hoje, onde muita gente duvidou da minha capacidade, onde poderei te ensinar educar e ser uma pessoa melhor amo você.

Agradeço meu namorado pela paciência em suportar todas as minhas crises nervosas que não foram poucas, pelo amor, carinho, companheirismos, por ter me acompanhado durante todos os anos na faculdade fazendo parte desse sonho e principalmente por me fazer feliz.

Em especial agradeço meu orientador Edvaldo Lucas de Figueiredo por ser um profissional delicado acima de tudo humano, por também ter acreditado no meu potencial. Pelo acolhimento, pela paciência, atenção e dedicação que me concedeu, por ter tornado possível à conclusão deste trabalho de forma leve agradável e muito proveitosa, agradeço de coração mesmo quando eu estava com problema de saúde a dias e não podia escrever e na maior preocupação em terminar e você com um bom coração e boa vontade despreocupou-me, para naquele momento cuidar da minha saúde. Agradeço pela sua paciência e carinho e dedicação conduziu-me com tolerância e compromisso para construção deste trabalho me enriquecendo sempre com sua sabedoria agradece por tudo, por sua vontade e atenção e apesar de que não tivemos tanto tempo para orientação.

E finalmente agradeço a todos os professores de pedagogia, por todo o empenho e ensinamento durante curso, por terem sido grandes colaboradores deste trabalho e por absolutamente todos terem me dando grandes lições de vida e profissional e pessoal.

Não acredito que existam qualidades, valores, modos de vida especificamente femininos: seria admitir a existência de uma natureza feminina, quer dizer, aderir a um mito inventado pelos homens na sua condição de oprimidas. Não se trata para a mulher de se afirmar como mulher, mas de tornarem-se seres humanos na sua integridade. (BEAUVOIR, 1997, p. 361)

Anzolin, Barbara e Edvaldo Lucas Figueiredo. **RELAÇÕES DE GÊNEROS NA PRIMEIRA INFÂNCIA: MENINA JOGA BOLA! MENINO BRINCA DE BONECA. 2019** . Número total de folhas. Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia – Faculdade de Ensino Superior do Centro do Parana, Pitanga, 2019.

## **RESUMO**

A sociedade atual adota posturas e comportamentos que são diferenciados para homens e mulheres, geralmente o que se tem por adequado para o menino pode não ser adequado para a menina e esse julgamento é percebido desde a mais tenra idade, alguns destes conceitos sociais estão no exemplo no seio familiar ou na escola. E a partir dessas relações sociais vão se construindo os valores, nem sempre explícitos, mas que determinam comportamentos e as atitudes. Nessa perspectiva devemos entender a relação entre os espaços destinados aos homens e mulheres e as expectativas para os meninos e meninas em sociedade. E para que isso aconteça, é necessário que as escolhas feitas na infância como tipo de brinquedos e brincadeiras, as cores, sejam encaradas de forma natural, pois nem sempre as escolhas de infância permanecem em outras fases da vida, é o que busca compreender este estudo, com a naturalidade que a problemática exige, sabendo que meninos e meninas possuem papéis e comportamentos diferentes, e esses comportamentos isoladamente não definem sexualidade da criança. Os educadores não podem criar nem alimentar estereótipos, que contribuam para que exista na escola relações de preconceito, quanto aos padrões familiares e aos costumes que a criança já traz para consigo é preciso ao contrário, aprender a conviver e respeitar as diferenças. Sendo assim cabe a nós perguntar como os educadores podem conviver com os estereótipos, e agir para não reproduzi-los no dia-a-dia da escola além de proporcionar a convivência entre meninos e meninas de maneira social e tolerante? Para isso, justifica - se esse estudo pela necessidade de compreender os conceitos de Gênero, enquanto categoria histórica concebido em várias instância, a saber: cultura, representações sociais, identidades e identidades subjetivas, bem como as relações de gênero e a construção social do masculino e feminino. Tendo por objetivos identificar as correlações dos sujeitos enquanto homem ou mulher, passando pelo conceito de ética e da moral; Compreendendo as relações de gênero nos jogos e brincadeiras na visão da criança e na construção social do masculino e feminino e identidades de gêneros principalmente na escola.

**Palavras-chave:** Sexualidade; Gênero; Menino; Menina.

Anzolin, Barbara and Edvaldo Lucas Figueiredo. **GENDER RELATIONSHIP IN EARLY CHILDHOOD: GIRL PLAYING BALL! BOY TOY DOLL.** 2019. Total number of sheets. Course Conclusion Paper Pedagogy - Center for Higher Education of the Center of Parana, Pitanga, 2019.

### **ABSTRACT**

Current society adopts attitudes and behaviors that are differentiated for men and women, generally what is considered appropriate for the boy may not be appropriate for the girl and this judgment is perceived from an early age, some of these social concepts are in the example within the family or at school. And from these social relations are built values, not always explicit, but which determine behaviors and attitudes. In this perspective we must understand the relationship between the spaces intended for men and women and the expectations for boys and girls in society. And for this to happen, it is necessary that the choices made in childhood as a type of toys and games, the colors, are faced naturally, because the choices of childhood do not always remain in other stages of life, is what seeks to understand this study, as naturally as the problem demands, knowing that boys and girls have different roles and behaviors, and these behaviors alone do not define the child's sexuality. Educators cannot create or nurture stereotypes that contribute to the existence of prejudiced relationships in school, as to the family standards and customs that the child already brings to them, it is necessary to learn to live and respect differences. So it is up to us to ask how educators can live with stereotypes, and take action not to reproduce them in everyday school life and provide social interaction between boys and girls in a tolerant way? For this, this study is justified by the need to understand the concepts of Gender, as a historical category conceived in several instances, namely: culture, social representations, identities and subjective identities, as well as gender relations and the social construction of the masculine. and feminine. Having as objectives to identify the correlations of the subjects as man or woman, passing for the concept of ethics and the moral; Understanding the gender relations in games and play in the child's view and in the social construction of male and female and gender identities mainly in school.

**Key words:** Sexuality; Genre; Boy; Girl;

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>1.1 PROBLEMA .....</b>	<b>18</b>
<b>1.2 JUSTIFICATIVA .....</b>	<b>18</b>
<b>1.3 OBJETIVOS.....</b>	<b>19</b>
1.3.1 Objetivo Geral.....	19
1.3.2 Objetivos Específicos .....	19
<b>2 RELAÇÕES DE GÊNEROS NA PRIMEIRA INFÂNCIA: MENINA JOGA BOLA, MENINO BRINCA DE BONECA. ....</b>	<b>20</b>
2.1 O QUE É GÊNERO? .....	20
2.2 GÊNERO NA PRIMEIRA INFÂNCIA .....	22
3.1 ESTEREÓTIPOS .....	29
3.2 O QUE É O BULLYING? .....	30
3.3 AS RELAÇÕES DE GÊNERO E A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO MASCULINO E FEMININO.....	32
3.4 PAPEL DA ESCOLA E A EDUCAÇÃO NA CONSTRUÇÃO SOCIAL DO MASCULINO E DO FEMININO .....	32
<b>4.1 TIPO DE PESQUISA .....</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>36</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O que acontece dentro da escola é um reflexo do que acontece no cotidiano das famílias e na sociedade. Por exemplo, as mulheres da atualidade, já não se trajam como antigamente, somente com roupas tidas como femininas, hoje é possível não perder a feminilidade em um jeans, além disso as mulheres são independentes, dirigem e votam. Já os homens cozinham, preocupam-se com a aparência e compartilham nos cuidados e educação dos filhos.

Para Sousa e Guedes (2016, p. 126,) nas questões dos trabalhos: “A virilidade é associada ao trabalho pesado, já a feminilidade é associada ao trabalho leve, fácil, limpo, que exige paciência e minúcia, *apud* (Hirata, 1995). E completa sua afirmação dizendo que: “A masculinidade foi associada ao homo *economicus*, aquele que age com racionalidade, e a feminilidade, associada ao sentimentalismo, muitas vezes irracional.” (2016, p. 126)

Nota-se que o ser masculino e o ser feminino é um processo em constante modificação. E essas transformações foram sendo notadas progressivamente com a participação da mulher na sociedade, principalmente em papéis e trabalhos antes desenvolvido somente por homens, o que não significa necessariamente, respeito e equiparação salarial paga aos homens, às mulheres.

No que diz respeito as relações de trabalho, geralmente, atribuídas às mulheres, as tarefas referentes ao trabalho doméstico, e aos homens o trabalho produtivo”. SOUSA E GUEDES, (2016 p.127). Desta citação é possível compreender a difícil tarefa da mulher entre conciliar trabalho e família, gerando conflitos marcantes na vida delas. Isso, se pensar que ao homem o trabalho produtivo sem a responsabilidade doméstica, lhe dá mais autonomia, para conciliar o trabalho e o lazer. Para Sousa e Guedes (2016, p. 127) “A naturalização dos distintos lugares sociais que devem ser assumidos por homens e mulheres faz que a “opção” das mulheres seja por mais família e menos trabalho remunerado.” E naturaliza ainda nas meninas o hábito de aprender as “tarefas” domésticas, como brincar de casinha, trocar a roupa das bonecas entre outras “brincadeiras de menina” pois no futuro mesmo que esteja inseridas no mercado de trabalho será natural que se constituam “donas de casa”.

Já aos meninos é preciso fazer-lhes fortes e corajosos para enfrentar o desafio de “provedor do lar”, à eles, não é permitido ser fraco, é preciso ser bom motorista, por isso, brincar com os carrinhos é tarefa dos meninos, preferencialmente seja um bom jogador de bola, caso no futuro posso vir a ser um jogador de futebol, “sonho do pai”, chorar é coisa de menina, pois se chorar vai demonstrar fraqueza e menino fraco não consegue sustentar e “mandar” na casa.

E são nessas relações sociais do seio familiar, e de ordem machista, que inicia os primeiros estereótipos do que é ser menino ou menina. E essas relações são estendidas para o dia a dia da escola. Entretanto, o educador não pode criar nem alimentar comportamentos que contribuam para que exista na escola relações de preconceito, quando aos padrões familiares e aos costumes que a criança já traz para a escola, é preciso ao contrário, aprender a conviver e respeitar as diferenças.

Neste sentido, será essa a problemática deste trabalho: Como os educadores podem conviver com os estereótipos, e agir para não reproduzi-los no dia-a-dia da escola além de proporcionar a convivência entre meninos e meninas de maneira social e tolerante?

A problemática justifica-se na necessidade de compreender o conceito de Gênero, enquanto categoria histórica concebido em várias instâncias, a saber: cultura, representações sociais, identidades e identidades subjetivas, bem como as relações de gênero e a construção social do masculino e feminino.

Tendo por objetivos identificar as relações sociais dos sujeitos enquanto homem ou mulher, passando pelo conceito de ética e moral; Compreender as relações de gênero nos jogos e brincadeiras na visão e na construção social do masculino e feminino e ainda, compreender como da ideologia de gênero e o seu papel na construção social do masculino e feminino, principalmente na escola.

Neste contexto, nos referenciamos a Louro (1997), quando afirma que o gênero tem formas diferentes de portar-se em sociedade, segundo o autor: "O modelo de sentar e andar, as formas de colocar cadernos e canetas sob a carteira, pés e mãos acabariam por produzir um corpo escolarizado ao menino ou a menina que passara pelos bancos escolares" (LOURO 1997, p. 61). Torna-se emergente a discussão da sociedade atual, no que diz ao gênero e a diversidade sexual, se consideramos os padrões atuais de família.

Essa pesquisa já foi desenvolvida e de cunho bibliográfico pautada em referenciais teóricos, onde serão estudados e abordados os conceitos aqui propostos. Visando compreender as relações sociais dos sujeitos enquanto homem ou mulher.

Passando pela relação das crianças com os jogos e brincadeiras e como cada gênero, comporta-se nos jogos e brincadeiras na visão e na construção social do masculino e do feminino, bem como, na formação social e estereotipada que a própria escola reproduz.

E dentro dessa problemática procurar respostas, de como os educadores podem agir para combater estereótipos no dia-a-dia da escola, e assim, proporcionar a melhor convivência entre meninos e meninas, meninas e meninos, meninos e meninas, meninas e meninas de maneira social e tolerante.

## **1.1 PROBLEMA**

Como os educadores podem conviver com os estereótipos, e agir para não reproduzi-los no dia-a-dia da escola além de proporcionar a convivência entre meninos e meninas de maneira social e tolerante?

## **1.2 JUSTIFICATIVA**

A pesquisa justifica-se na necessidade de compreender o conceito de Gênero, o gênero enquanto característica biológica, que atribui o que é masculino e o que é feminino, que se baseiam na afirmação de Scott (1995), para o autor o gênero:

É um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, que fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre as várias formas de interação humana. (SCOTT, 1995 p. 212).

Nesse sentido, o trabalho se apresenta de maneira a analisar a complexa conexão entre as formas de interação entre as pessoas, e que como essa interação constitui as relações sociais independentes se sejam as pessoas do sexo masculino, ou seja, elas do sexo feminino.

Nessa vertente a pesquisa justifica-se no sentido de compreender como as experiências vividas podem ao longo dos tempos modificar a forma de ser masculino

e de ser feminino, compreendendo essa lógica a partir dos movimentos sociais que buscam direitos e a liberdade, principalmente das mulheres.

As diferenças tidas como essenciais também passa a ser questionada a partir desta noção de gêneros que a questão é de construção social não embasa a ideia de que as diferenças estejam demarcadas pela natureza, e neste sentido está vinculado à história [...] diversas ações isoladas ou coletivas contra a discriminação e aviltção das mulheres foram vistas em alguns momentos históricos, contudo quando se fala sobre o cenário do feminismo como movimento social (BEAUVOIR, 2009 p. 30)

A construção social e cultural estabelece-se por meio da relação entre os homens e mulheres, nessa concepção a palavra homem e a palavra mulher deve ser compreendida como sinônimo de pessoas, e essa relação que se traduz em comportamentos, que pode definir para aquela cultura do gênero entretanto.

Implica, portanto, conhecer a construção do gênero na ótica da cultura e da sociedade, de modo a distinguir as diferenças nas relações entre homens e mulheres. Assim nessa perspectiva compreender o gênero enquanto categoria histórica e a construção social do masculino e do feminino.

### 1.3 OBJETIVOS

#### 1.3.1 Objetivo Geral

Compreender o conceito de gênero na construção social do masculino e do feminino e o papel da escola na convivência social e tolerante.

#### 1.3.2 Objetivos Específicos

- Compreender as relações sociais dos sujeitos na primeira infância;
- Estudar as relações de gênero nos jogos e brincadeiras na visão e na construção social de meninos e meninas.
- Compreender o papel da cultura e da sociedade na construção social do masculino e feminino.

## **2 RELAÇÕES DE GÊNEROS NA PRIMEIRA INFÂNCIA: MENINA JOGA BOLA, MENINO BRINCA DE BONECA.**

### **2.1 O QUE É GÊNERO?**

O conceito de gênero pode ser entendido, como uma forma de relacionar a organização e as relações sociais a quais o sexo feminino e masculino se inserem na sociedade, Entretanto, para Carvalho e Tortato (2009, p.21), a palavra gênero também: “serve para classificar fenômenos mais diversos tais como gênero de literatura, de cinema, de música, dos seres vivos, enfim um termo classificatório”.

No contexto desta pesquisa a palavra gênero será entendida na concepção de pessoa do sexo masculino e pessoas do sexo feminino, não diferenciando, portanto a classificação social do sujeito, isso porque, a classificação social envolve um estudo mais complexo sobre o tema, o que não é objeto dessa pesquisa.

Ainda o gênero enquanto concepção de homem e mulher será estudo na sua visão infantil, considerando o desenvolvimento do ser humano na primeira infância, fase que vai desde o nascimento até os cinco anos de idade. Conceituar gênero é caminhar por uma trilha que ainda se está construindo e tem muito a ver com política e teoria. Nesse sentido, o próprio conceito de gênero foi fruto tanto de discussões políticas quanto teóricas. Normalmente associado ao estudo das relações entre homens e mulheres pelas ciências humanas, ele ajudou a despertar o interesse da historiografia em compreender a multiplicidade de identidades femininas ao longo da história.

A definição mais corrente de gênero é a que o considera uma categoria relacional, ou seja, gênero é entendido como o estudo das relações sociais entre homens e mulheres, e como essas relações são organizadas em diferentes sociedades, épocas e culturas. Os pesquisadores que utilizam essa categoria de análise fazem questão de frisar que no campo das relações entre homens e mulheres há uma distinção entre a esfera biológica, que é o sexo propriamente dito e suas características físicas, e a esfera social e cultural, que é a identidade de gênero. Assim, não há uma essência masculina ou uma essência feminina imutáveis e determinadas por características biológicas. O que há são construções sociais e culturais que fazem que homens e mulheres sejam educados e socializados para ocupar posições políticas e sociais distintas, normalmente cabendo aos homens as

posições hierárquicas mais elevadas, enquanto às mulheres são reservadas as posições menos privilegiadas.

Desse modo, o conceito de gênero tem muito a ver com a forma como são percebidas as relações de poder entre homens e mulheres. Segundo ele, as identidades masculina e feminina são construções sociais e culturais que impõem aos sexos condutas, práticas, espaços de poder e anseios diferentes. Tudo isso baseado nas distinções que a própria sociedade constrói para o feminino e o masculino, e não em diferenças naturalmente predeterminadas entre homens e mulheres. Historicamente, o conceito de gênero surgiu para se contrapor a uma visão que enfatizava as diferenças biológicas, ou sexuais, entre homens e mulheres, que acabava naturalizando a dominação masculina. A nova categoria veio enfatizar que a natureza não explica, e muito menos determina, a relação entre os sexos. São os componentes sociais e culturais que interferem mais decisivamente na maneira pela qual os gêneros se relacionam, não havendo papéis fixos para homens e mulheres em nenhuma esfera social.

O termo gênero não deve ser entendido como sinônimo de mulher/mulheres ou de sexo, uma vez que essa categoria de análise não combina com determinações Gênero biológicas. Mas isso não quer dizer que, na prática, as pessoas não acreditem em determinações biológicas. Para essas pessoas, a própria diferenciação física entre homem e mulher já justifica a dominação masculina ou as diferenças sociais entre homens e mulheres. Uma coisa é o conceito, que visa à superação de visões estreitas e estereotipadas em relação às condutas das pessoas, e outra é a forma como, no cotidiano, essas pessoas percebem o corpo. No cotidiano, o comum é as pessoas tomarem as diferenças biológicas como justificativa das diferenças sociais ou seja, elas naturalizam as práticas de dominação que sequer são percebidas, exatamente porque aparecem como “evidentes” demais. No entanto, a História não deve ficar restrita aos papéis de gênero, à diferenciação entre a identidade masculina e a feminina, mas perceber que a opressão de gênero pode estar associada a outros tipos de opressão social. Por último, é preciso lembrar que os papéis sociais de gênero são mutáveis, e homens e mulheres podem, ao longo do tempo e dependendo da sociedade em que estão inseridos, apresentar práticas e comportamentos diferenciados

## 2.2 GÊNERO NA PRIMEIRA INFÂNCIA

A primeira infância é marcada por intensos processos de desenvolvimento, que vai do nascimento aos cinco anos de vida, na qual também implica um conhecimento na cultura e a construção social que homens e mulheres se relacionam, e sobre diferenças que ambos os sexos trazem no decorrer da vida.

Relaciona-se ao fato de que as crianças mesmo nos primeiros anos de educação formal demonstram comportamentos estereotipados por gênero, sobretudo, o contato dessas crianças sendo dado primordialmente pelas brincadeiras, essas atividades são contextos otimizados para identificarmos a caracterização da influência dos professores no condicionamento as práticas sexistas.

Nesse contexto, o estudo teve como propósito analisar as relações entre os diferentes gêneros e a maneira como eles se expressam no “brincar” em crianças na primeira infância, assim como discutir as possibilidades de intervenção para a desconstrução de formas rígidas de expressão lúdica na criança.

A primeira infância é marcada por intensos processos de desenvolvimento, que implica da cultura e da construção social de homens e das mulheres, esse processo inicia ainda no ventre da mãe por causa das expectativas das pessoas e dos pais, elas criam em torno da crianças como a questão das cores, ser for menino é azul, se for menina é rosa, alguns colocam preconceitos nisso que são reforçados em cores essa questão é de expectativas que criam para criança que a menina é quietinha e menino agressivo e brutalidades que não pode chorar ,que tem que ser macho,são as características crianças que os pais que criam.

Desde o ventre, são pré-estabelecidos padrões de gênero para o bebê que ainda nem nasceu. São esperadas atitudes, comportamentos, pensamentos e imaginação de acordo com o sexo. Se for menino são esperadas crianças agressivas, racionais, pequenos líderes, já as meninas, espera-se que demonstrem delicadeza, sensibilidade, beleza, comportamentos de “mocinha”. Ao começarem a ter contato com brinquedos e com brincadeiras, a sociedade e as indústrias do ramo criam rótulos e impõe para as crianças através de propagandas atrativas, condutas julgadas adequadas para o gênero que irá usufruir daquele brinquedo. (HUBACK 2016, p.33)

Já Louro (2003), *apud* Huback (2016), ao tratar dessa vertente vai dizer que na construção social do que é o masculino e o feminino, constroem-se padrões pré-estabelecido, a exemplo as propagandas dirigidas a meninos ou a meninas tem

conotações diferentes para atender esse anseio que a sociedade impôs a ambos os gêneros.

Se observarmos as propagandas de brinquedos dirigidos às meninas, veremos que elas investem de forma importante na ideia de cultivo a beleza como algo inerente ao feminino, aliado sempre ao supérfluo, ao consumo desenfreado, ou seja, não basta ter apenas a boneca tal, é preciso ter todos os modelos e variações da mesma boneca e seus respectivos acessórios. Outros itens se somam aos brinquedos, tais como produtos de maquiagem, roupas e calçados, perfumes e etc., na tentativa de reafirmar a beleza e a vaidade como algo natural. (LOURO 2003, P. 55).

Essas discussões e pesquisas são realizadas nos países de acordo com as necessidades imposta pela sociedade, porém de uma forma vagarosa, onde meninas e meninos começavam ter maior interação social mesmo com todos os estereótipos que a sociedade estipulou.

Para Louro (1997, p.30) É na primeira infância que começa a delinear entre os masculinos e os femininos, e nessa diferenciação moldadas pela sociedade, inclui gestos, atitudes, e brincadeiras tidas como de menino ou de meninas. O autor conceitua de forma didática essa diferenciação quando afirma que: “os meninos tem que ser inteligentes corajosos e bravos, as meninas obedientes sensíveis e generosas”. (LOURO, 1997 p.40)

Percebe-se que as relações de gêneros na sociedade, bem como a relação da sociedade com a cultura é reproduzida no ambiente escolar. Os gestos e as atitudes das crianças na primeira infância são incorporados ao ideário da escola, ou seja, não diferencia do cotidiano da sua casa, para elas a escola faz parte da sua casa. Louro (1997, p.61) vai dizer que: "gestos e movimentos, sentidos são produzidos no espaço escolar e incorporados por meninos e meninas, tornando-se parte dos seus corpos".

Já para, LINS, BERNARDO e MICHELE (2016, p.19) o comportamento esperado na escola também é marcado por expectativas de gênero. Quando pensamos que “matemática é coisa de menino”, que “menina é mais caprichosa”, enfim, que certas coisas são próprias de meninas e outras de meninos, estamos limitando as aprendizagens e as experiências de vida das crianças ou adolescentes.

De modo, que a própria escola ajuíza as desigualdades, exemplo disso, é quando a professora separa as meninas e meninos das brincadeiras ou qualquer outra atividades dentro da escola, impondo limites e regras para cada sexo já configura um estímulo aos estereótipos. Por exemplo, na escola os professores

separam as caixas de brinquedos das crianças, os carrinhos e bolas para os meninos em uma caixa separada, e as meninas tem caixa separada de boneca ou pecinhas de panelinhas de acordo com seus gêneros.

A Infância, que vai do nascimento à puberdade, ou seja, do zero aos doze anos de idade. A criança e o adolescente considera-se como criança a pessoa com até doze anos incompletos, enquanto que entre os doze e dezoito anos encontra-se a adolescência, assim, podemos dizer que até onze anos incompletos o sujeito ainda é uma criança.

E a criança, precisa brincar, Vygotski (1996, p.04) chama a atenção como é esse brincar das crianças na primeira infância? Para isso, será necessário compreender o desenvolvimento humano que trouxe uma nova perspectiva para às crianças.

Segundo Vygotsky (1995, p.7) ao tratar da interação social no brincar, considera - se que a crianças precisa interagir com outras crianças e essa interação contribuirá para o desenvolvimento humano, mesmo que não haja, nessa ação, uma intencionalidade.

A criança na primeira infância é centrada nela mesma e constrói na sua imaginação as relações sociais, e pode-se dizer que, nos momentos das brincadeiras esse imaginário é expresso de maneira muito evidenciada.

Podemos citar como exemplo, na cultura indígena, as relações entre essas pessoas são diferente muitas da brincadeira das crianças de uma tribo podem ser considerada perigosa para uma criança que não conhece daquela cultura.

A brincadeira é muito importante para a criança, pois além de despertar a imaginação, ajuda na socialização de primeira infância. Contudo há brincadeiras para meninos e outras meninas, pois é a partir dessa separação que começam os preconceitos.

Assim como exemplificado anteriormente, dependendo de sua origem das crianças e indígenas são totalmente diferentes das crianças que não são indígenas, mas também são conhecidas, algumas brincadeiras dos povos indígenas que foram incluídas nas demais culturas, podemos exemplificar a peteca, arranca mandioca, arco flecha, cabo de guerra.

Para Vygotsky (1988, p.20), há uma única forma de feminino e masculino que no brincar fazem suas escolhas de acordo com aquilo que da curiosidade nas crianças, as brincadeiras é melhor maneira de se comunicar e aprender, onde elas

ficam entretidas com seus objetos, seria incorreto definir o brinquedo como apenas um objeto de prazer para as crianças, visto que muitos jogos nem são prazerosos e até podem causar desprazer nelas, acreditando que o brincar para a criança é apenas imaginação.

Os momentos das brincadeiras são expressivos para que nesse caso as crianças estejam descobrindo como se lida com os corpos próprios e das outras crianças de uma forma lúdica em uma visão. Não é de hoje que os brinquedos e as brincadeiras são utilizados para classificar e rotular as crianças como um todo.

Quando foram criados, já havia especificação de brinquedos para crianças, que se espera que demonstrem delicadeza, sensibilidade, beleza, comportamentos de “mocinha” desde que a meninas tenham contato com brinquedos de meninas, a maior preocupação dos pais ao darem brinquedos aos seus filhos não é somente à diversão do mesmo, mas se aquele objeto o tornará aquilo que ele espera que o filho seja. A partir da infância a criança não vai se tornar nada, a sexualidade começa a partir da adolescência e na infância a criança não vai aprender nada é só questão de preconceitos.

Enfoca que Com base nestes conceitos vygotskianos, pode-se considerar o brinquedo ou o jogo como um instrumento mediador no processo de desenvolvimento infantil. O brinquedo, o jogo e a brincadeira, interferindo na zona de desenvolvimento proximal da criança, poderá proporcionar uma maior rapidez no seu desenvolvimento propriamente dito, um avanço nas suas capacidades e habilidades, entre elas a criatividade tão necessária na formação de adultos colocados num mundo de muita competitividade, onde um dos objetivos finais é a própria sobrevivência. (RAMALHO, 2000, p. 65).

Para os meninos, não pode brincar com um brinquedo considerado feminino ou vice-versa, que sua sexualidade já é questionada antes mesmo de a criança saber o que é aquilo ou saber sua orientação sexual, a ideia de brinquedos do sexo oposto está relacionada a todo o tempo com a sexualidade da criança, e isso muito mais por parte dos homens.

As crianças não se preocupam se aquele brinquedo é ou não de menina ou menino, elas procuram uma companhia para se divertir e construir seus conceitos através da brincadeira e diversão. Segundo Finco (2005, p.13), as brincadeiras são uma fonte de inúmeros estímulos ao desenvolvimento cognitivo, social e afetivo da criança, oferece-lhe oportunidade de realizar atividades coletivas, contribui para o processo de aprendizagem, estimula o desenvolvimento de habilidades básicas, a aquisição de novos conhecimentos e também é uma forma muito importante de auto

expressão. É o momento em que a criança libera suas emoções, seus pensamentos, exercita a criatividade, é a sua interação com o mundo.

### 2.3 RELAÇÕES DE GÊNEROS NOS JOGOS E BRINCADEIRAS

Benjamin (2002, p.45) sugere que as crianças estão no foco da reflexão de diferentes modos dos brinquedos, enquanto a imagem que atua em uma formação de gênero, os dados são obtidos no trabalho do autor entre outros revelam que os brinquedos vem em um mundo apropriado pelas crianças por meios das quais são acionados aos referenciais de gêneros.

A categoria de gênero tem uma história que se inicia com o movimento feminista, nas décadas de 1960 e 1970. Este, em sua luta política, percebeu que tinha de construir uma História das mulheres, pois só assim explicaria a subordinação feminina e seus mecanismos e divulgaria a resistência e a luta de muitas mulheres no decorrer da história. Construir esse passado era, assim, um ato político fundamental para a afirmação do movimento no presente. Logo, foram as próprias mulheres que levantaram o véu do silêncio na história, pois, até então, o preconceito da historiografia produzida por homens não reconhecia que elas faziam parte da história Silva Kalina Vanderlei (2009, p.166).

“Podemos entender que o brinquedo como um sistema de significado são produzido não só por aqueles que o utilizam um sistema os gêneros que tem sido construído no imaginário das crianças.” (BOUGERE (2014 p. 16).

As questões levantadas acima e muitas outras remetem para o fato de que os jogos e brincadeiras em sala de aula necessitam de planejamento no sentido de adequar as atividades, tornando-as mais interativas entre meninos e meninas, proporcionando o desenvolvimento de suas capacidades múltiplas e de vínculos afetivos, bem como vindo a desenvolver as funções pessoal, social e cultural das crianças, o que possibilita a construção de sua identidade e autonomia, dando-lhe liberdade de explorar seu ambiente de aprendizagem, tornando-a mais independente e igual a todas as crianças não importando o sexo.

Dessa forma, fica claro que a escola é uma das instituições responsáveis e com eficácia na desconstrução de ideias estereotipadas do que é o ser menino e o ser menina, para isso, precisam ser elaboradas socialmente relações equitativas, reduzindo preconceitos entre o gênero, com iniciativas dentro da escola que vão

desde projetos, palestras e a participação da família, como representante da sociedade, nas atividades da escola.

Já nas escolas os professores procuram trabalhar e identificar as situações relacionada ao gênero que passa a ser percebido e prestar mais atenção nas manifestações de preconceito no ambiente escolar e na sociedade como um todo.

Na escola vemos, quando um aluno ou aluna age diferente, eles são motivos de risos, falatórios, piadinhas maldosas e muitas vezes são considerados aberrações, considerado coitadinhos e não considerados apenas seres que tem sentimentos diferentes, acredito que ainda temos que evoluir muito e conviver com as pessoas como seres humanos e não classifica-las por sua sexualidade, ou pelo gosto amoroso das pessoas que as completam, seja mulher/mulher, homem/homem, e mulher /homem. Da luz *et all* (2009 p. 262).

A necessidade de estar atenta aos preconceitos e a discriminação aos gêneros no âmbito escolar, mudaram a forma de olhar o cotidiano escolar, de alguma maneira irão traduzir em mudanças práticas educativas que visem minimizar o constrangimento que algumas brincadeiras podem causar, acarretando em mudanças que contribuam para que o ambiente escolar torne se um espaço de desenvolvimento integral do ser humano.

Quando na escola esse assunto não é abordado também causa preconceitos. E a partir do momento que educadores permitem piadas de mau gosto que pode causar constrangimento nas pessoas no ambiente escolar e nos alunos, está contribuindo para que o preconceito aconteça. Porém, se for abordado esse assunto com naturalidade temas mais polêmicos, e tratados com a seriedade necessária, ou seja, de forma correta e com atenção que as crianças precisam, evitam os serem rotuladas por perguntar ou abordar o assunto, com certeza os pequenos estarão incluídos no processo escolar e terão mais produtividade durante sua vida acadêmica.

Pois sabe-se que desde cedo as crianças trazem em seus discursos a noção de papéis diferenciados entre homens e mulheres. A recusa em ter boneca indica que na concepção do menino que a boneca não é brinquedo de menino, essa ideia pode ter sido construída pelos comentários de adultos, pelas propagandas e programas das mídias, pelo contato com coleguinhas, enfim nas relações sociais e não na sua concepção de criança que em nada tem por “malícia” ou estereótipos.

Na escola e em sala de aula, devemos estar sempre atentos para mostrar que a dominação masculina e a violência de gênero estão baseadas em percepções de gênero desenvolvidas e alimentadas por diversos mecanismos do meio social: pela escola, pela própria família, na vida profissional e assim por diante. Em suma, a dominação de gênero que pode ter uma face bem sutil e invisível, quase sempre, é incorporada pelas mulheres dominadas, devido à forma como as instituições sociais são constituídas e as imagens que elas transmitem no meio escolar, e devemos nos acautelar para não reproduzirmos preconceitos em livros didáticos, filmes, músicas e em outras linguagens. É fundamental estimular nas alunas e nos alunos uma conduta de suspeita perante os discursos produzidos nos mais diversos meios de comunicação, analisando, por exemplo, como os filmes e as novelas apresentam as ideias de feminilidade e masculinidade.

### 3. O SER MENINO E O SER MENINA

Neste tópico, estuda-se a questão dos esterótipos como uma padronização universal do que é o masculino e do que é o feminino, “como modelos a serem seguidos”, e para isso, será necessário compreender algumas implicações que vem desse modelo, passando pela questão de desrespeito com as pessoas que se traduz em “*bullying*”.

Ainda, abordar-se-a, mesmo que de maneira superficial, como acontecem as relações de gênero no contexto da sociedade atual e o papel da escola e da educação para não propagação dos esterótipos e no respeito as diferentes opiniões e maneiras de se portar em sociedade, considerando as novas definições de família no contexto atual.

#### 3.1 ESTEREÓTIPOS

A ideia de uma padronização da universalização do que é o masculino e do que o é feminino criam estereótipos que perpassa por modelos a serem seguidos, como vestir, como andar, como sentar, com quem conversar, como conversar, “portar-se como mulher”, ou como homens, são alguns dos exemplos que propagam a ideia de uma sociedade padrão.

Na sexualidade e no gênero, esse processo começa com a repressão por parte do estado do que é correto, ou do que não é restritivo, para Reis (2009, p.251), O estado “cerceia e impõe normas universais compatíveis com a singularidade inerente a sexualidade das pessoas”, a esse respeito a autora Marilene Chaui (1991), para quem:

O sexo, que até então era da responsabilidade de teólogos, confessores, moralistas, juristas e artistas, foi deixado de pertencer exclusivamente ao campo religioso, moral, jurídico e artístico e de concenir apenas as exigências da vida amorosa (conjugal e extraconjugal) para começar a ser tratado como um problema clínico e de saúde. Ou seja, passou a ser estudado e investigado num contexto médico e científico preocupado em classificar todos os casos de patologia física com finalidade higiênica ou profilática quanto com a finalidade de normalização de condutas tidas como desviantes ou anormais (1991, p. 16)

De acordo com as considerações dadas por Reis (2007) e Chaui (1991), a questões dos estereótipos passam pela ideia de uma repressão sexual, ou seja, quando não encaixa no que é o padrão ideal imposto pela sociedade, o sujeito

começa a sofrer as consequências dessa não padronização.

Hoje estes estereótipos já não são tão predominantes como eram há alguns anos atrás. Felizmente a mulher conquistou seu espaço no mercado de trabalho, e consegue fazer perfeitamente o seu papel de cuidar dos filhos e da casa, antigamente essa era tarefa fundamental da mulher, a partir do dado momento ela tinham que casar e cuidar de seus filhos e cuidar da casa e servir o marido. Hoje em dia a mulher não é obrigada a casar e não ter filhos é uma opção da mulher, e como também cuidar de sua carreira profissional. Os homens hoje, também não são tão cobrados na questão financeira, uma vez que suas parceiras ajudam nas despesas da casa. Outros estereótipos de gêneros muito comuns são aqueles que dizem que as mulheres são melhores para cozinhar do que os homens. No entanto, os melhores chefes de cozinha do mundo são homens. Há ainda aqueles estereótipos que dizem que “os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor”, “mulher no volante perigo constante”, e outros estereótipos que estão associados ao preconceito.

Mesmo com tantos bons exemplos, o que se vê na prática é diferente. Pois, qualquer comportamento, principalmente na escola, que não condiz com o que é esperado pela sociedade pode ser para a criança ou adolescente um problema, se não adequar ao padrão sofre “*bullying*”. E essa prática tem trazido prejuízos irreparáveis para os estudantes.

### 3.2 O QUE É O BULLYING?

Nesse sentido precisamos compreender antes o que é o *bullying*.

*O bullying se caracteriza pela ocorrência de ações agressivas, intencionais, repetitivas e sem motivação aparente que causam dor, angústia ou intimidação. [...] Como características do bullying podem--se citar as agressões físicas, insultos, difamação, exclusão, isolamento, roubo de pertences, apelidos, humilhações, intimidações, discriminações, insinuações e ofensas. (NAPOLEÃO E ROSA, 2013, p. 331).*

As mesmas autoras (2013, p. 330) destacam: “que no fenômeno *bullying* os participantes não se restringem às vítimas e aos agressores,” Para as autoras, somente existira o *bullying* com a participação de mais pessoas: “as testemunhas”, ou seja, pessoas que não sofrem e não praticam o fenômeno diretamente, mas presenciam quando ele ocorre, e não fazem nada para ajudar as vítimas a defender-se, pois têm medo de também se tornarem alvo de ataques.

Para Palfrey e Gasser (2011, p. 107), o *bullying*, tanto no pátio da escola quanto *online*, é uma grande preocupação para os pais e para os educadores devido o dano que causam à vítima, mas também porque os jovens ainda estão no processo de desenvolvimento das competências sociais.

Já no mundo virtual, podemos tratar desse perigo, citando como exemplo, as mídias sociais, os jovens sofrem agressões psicológicas, são insultados, difamados, excluídos de grupos sociais, podendo ocorrer o roubo de “pertences” como fotos e vídeos, além de senhas que permitirá a violação de contas e conseqüentemente explorará toda a privacidade da pessoa, além de apelidos, humilhações, intimidações, discriminações, insinuações e ofensas, e muitas vezes o agressor age no anonimato criando links que serão compartilhados por outras pessoas, que nesse caso são as testemunhas do *bullying* e que não fazem nada para evita-lo ou coibi-lo. É homem ou a mulher ou até mesmo as crianças que dizem sim, existem um problema no gênero que ainda hoje e temos que resolver, e melhorar todos nós, homens e mulheres, qualquer ação ou conduta, baseada no gênero que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico a mulher ou homem, sem distinção de etnia, classe, religião, idade ou qualquer outra condição, tanto no espaço público como no privado. Os atos de violência ocorrem de maneira intencional e repetitiva contra um ou mais indivíduos, que se encontram impossibilitados de reagir às agressões sofridas. Esses comportamentos não apresentam motivações justificáveis, os mais fortes utilizam os mais frágeis como objetos de diversão, prazer e poder, com a intenção de maltratar, intimidar, humilhar e amedrontar suas vítimas (Silva, 2010 p.20).

Para combater o *Bullying* seja eficaz e seguro é fundamental a participação de profissionais da saúde, pais e professores. A interação desses profissionais juntamente com os professores se faz necessário para que se possa observar o comportamento do indivíduo na escola, assim como as condições psicopedagógicas e ambiente físico do espaço escolar. É importante que crianças e os adolescentes possuam boa relação com seus colegas na escola, pois ao contrário, poderá ser prejudicada em relação ao desenvolvimento social, já que o estresse psicossocial está envolvido na saúde do indivíduo. O indivíduo deve ser encorajado a enfrentar o problema, participar de grupos sociais e ser incentivado a comunicar a alguém caso sofra alguma agressão ou mesmo presencie atos de violência. Já em relação aos educadores é preciso que sejam treinados para que possam identificar o *Bullying*,

aprender a lidar com os alunos envolvidos no processo e dar o devido encaminhamento quando necessário aos profissionais da saúde. (Almeida 2000 p17) é dever de todos os educadores desenvolver os trabalhos e projetos que visem ao bem estar físico, e emocional dos alunos, proporcionando uma educação onde qualidade lutando contra qualquer forma de preconceito.

### 3.3 AS RELAÇÕES DE GÊNERO E A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO MASCULINO E FEMININO

Na atualidade, o ser homem e o ser mulher é vivenciar todas as mudanças sociais impostas. Sem saber, os indivíduos homem e mulheres deixaram de representar papel e passaram a serem eles mesmos; ou quem, como, gostaria de ser; fantasiando-se por sua vontade mesmo que tendo uma influência externa de modo, que as características de cada ser humano não distinguem-se seu gênero, assim como afirma Beauvoir (2009, p.30) “Não há características restritas ao feminino e masculino não há como considerar habilidades ou dificuldades própria de mulheres ou de homens que são construída ao longo da experiências vivida, independente do sexo.

E essas atitudes estão notórias no ônibus, no trânsito, nos cuidados pessoais na academia, quando vão aos médicos, aos cabeleireiros, ao esteticista etc., ou seja, nas representações sociais do masculino e do feminino.

### 3.4 PAPEL DA ESCOLA E A EDUCAÇÃO NA CONSTRUÇÃO SOCIAL DO MASCULINO E DO FEMININO

Nos dias atuais as mudanças no formato da famílias, a divisão dos papéis e as funções masculinos e femininos tomaram as novas formas, o que abrir uma possibilidade para discussões mais amplos baseadas em relato resultados de pesquisas da realidade sobre assunto. Da Luz *et all* (2009) afirma que:

“É possível trabalhar as relações de gêneros e é uma possibilidade de mostrar para as crianças outra forma de dividir o papéis e as tarefas dentro do papel. Um dos aspectos marcante também é o exercício de questionar a forma de vida e relação com os avós. O raciocínio pode ser direcionado de uma maneira e não de outra e nesses questionamento conta que modo de viver são passada de uma geração a outra e muitas vezes totalmente desconectadas com o momento histórico social vivido por cada geração.” (DA LUZ *et all* 2009.p. 81).

Nesse sentido educar as crianças para que saibam que a divisão do trabalho e do direito são iguais não importa o gênero, é prerrogativa da escola que tem dever de fomentar esse questionamento garantindo a descontinuidade do conflito que são gerados pelos fadados e ultrapassados estereótipos.

#### **4. METODOLOGIA**

A pesquisa bibliográfica fundamentada em autores que tratam dessa temática, de maneira crítica e reflexiva no que diz respeito às questões da sexualidade, o respeito às pessoas e a suas escolhas.

Para Gil, (2008) a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir do material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. E será essa a dinâmica deste estudo.

Sabe-se que a pesquisa bibliográfica é de suma importância, pois permite analisar com mais profundidade o assunto, na visão de outras pesquisas e outros pesquisados. Considerando o que já foi escrito sobre o tema, e em relação ao método, optou-se pelo método qualitativo; que nas palavras de Lakatos e Marconi, (2003) “preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos”. Pode-se dizer a pesquisa bibliográfica que utiliza do método qualitativo se realizado de maneira correta, proporciona análise mais robusta sobre as investigações, os hábitos, as tendências e o que já foi redigido sobre o tema estudado.

Buscou-se diversos livros, periódicos, revistas e artigos científicos cujo objetivo foi o de subsidiar a escrita com informações importantes aos contextos educacionais da sexualidade e o entendimento desta, o que inclui as teorias, os conceitos, as hipóteses e os métodos que permeiam essa problemática.

##### **4.1 TIPO DE PESQUISA**

O estudo seguiu as características da pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, motivos, aspirações e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis ela tem como base a sua

observância como critério analítico da realidade, portanto, a pesquisa é a imersão dos dados no contexto e perspectiva para conduzir o resultado.

#### **4.2 Resultados e discussões.**

A pesquisa, por ser de caráter bibliográfico permitiu conhecer por meio da literatura, temas tais como: a sexualidade infantil e o desenvolvimento da criança.

Como pesquisa ainda demanda de mais estudos, ou seja, não se pode afirmar que esteja concluída, mas algumas considerações já podem ter em relação ao tema e problemática que ora o trabalho propunha buscar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Durante os estudos para realização desse trabalho pode-se entender melhor os conceitos de gêneros e a influência que exercem na formação das crianças na sociedade atual levando em consideração a amplitude das tecnologias e o poder que as mesma exercem na formação de caráter e personalidade nas ligações atuais.

Pode se perceber também que apesar de várias discussões a respeito desse tema dentro e fora do ambiente escolar algumas famílias ainda resistem em aceitar essas mudanças que são evidentes nos dias atuais.

Nota se também em relação às funções sociais de masculino e feminino que na sociedade atual também foram modificada, isso pode ocorrer desde que a mulheres começaram atuar no mercado de trabalho em pé de igualdade com os homens reivindicando os direitos que até pouco tempo não lhes era garantido pelos simples fato de ter nascido mulher.

Apesar de todas as discussões existentes sobre o tema as questões de gênero na escola ainda devem ser discutidas, pois os jogos e brincadeiras escolares não devem ser considerados na construção de gêneros, mas devemos ficar atentos a todas as possibilidades de estudos que possa indicar outras formas de abordar o assunto sem causar constrangimento a criança e a família.

Sendo assim a construções social e cultural do sujeito é resultado de uma ação conjunta entre a família e a escola, nessa relação à família tem principal papel que é orientar e educar a criança para que respeite todas as formas de expressão cultural que possam encontrar no ambiente escolar e fora dele.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, K. L.; SILVA, A. C.; CAMPOS, J. S. **Importância da identificação precoce da ocorrência do bullying: uma revisão de literatura.** Rev. Pediatri, 9(1): 8-16, jan./jun. 2008
- BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos.** São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1970.
- BENJAMIN, WALTER. **Reflexões Sobre a Criança, e o brinquedo e a educação.** São Paulo editora 34, 2002.
- BERALDO, K. E. A. **Gênero de brincadeira na percepção de crianças de 5 a 10 anos.** 1993. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.
- BROUGERE, Gilles, **Brinquedos e companhia,** São Paulo: Cortez, 2004.
- DA LUZ, N.; CARVALHO M. G; CASA GRANDE L. S. **Construído a igualdade na diversidade: Gêneros e sexualidade na escola.** Curitiba UTFPR, 2008.  
**Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola** 1ª ed. — São Paulo: Editora Reviravolta, 2016.
- FARIA N. (Et. al.) **Gênero e Educação.** Sempre viva/ Organização Feminista, São Paulo: 1999.
- FINCO Daniela. Educação Infantil, **Gênero e Brincadeiras: das naturalidades às transgressões.** São Paulo, Unicamp, 2005.
- LINS, Beatriz Accioly, BERNARDO Fonseca Machado e MICHELE Escoura. — **Diferentes não desiguais: a questão de gênero na escola** 1ª ed. — São Paulo: Editora Reviravolta, 2016.
- LOPES, E. M. T. **Pensar categorias em História da Educação e Gênero.** Projeto História. São Paulo, n.11, 1994.
- LOURO, Guacira Lopes, NECKEL, Jane Felipe e GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. PARANA, SEED, Superintendência de Educação Departamento de Diversidade.
- LAKATOS, Eva Maria, **Fundamentos de Metodologia Científica/** Maria de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos, - 5, Ed- São Paulo: Atlas 2003.
- GIL, Antonio Carlos, 1996- **Como elaborar projetos de pesquisa/** Antonio Carlos.
- NAPOLEÃO da Silva, Elizângela, Calland de S. Rosa, Ester, **Professores sabem o que é bullying? Um tema para a formação docente.** Psicologia Escolar e Educacional 2013, acesso em 7 de julho de 2019 disponível em <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=282329398015>> ISSN 1413-8557 3

PALFREY, Jonh; GASSER, Urs. **Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais**. Porto alegre: Artmed, 2011.

RODRIGUES, M. M. **A segregação sexual na interação de crianças de 8 e 9 anos psicologia: Reflexão e Crítica**, v.15, n.3, 2002, p. 489-49

RAMALHO, M. T. de B. **A Brinquedoteca e o desenvolvimento infantil**. Florianópolis: UFSC, 2000. 140 p. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

**SEXUALIDADE: Gêneros e Diversidade Sexual**. – Curitiba;–Pr 2009 - 216p.

SCOTT, J. W. **“Gênero: uma categoria útil de análise histórica”**. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n.02, p. 71-99, jul./dez. 1995, SOUZA, F.;

SILVA, A. B. B. **Bullying: Cartilha 2010- Projeto Justiça nas Escolas**. Brasília, 2010.

SILVA, G. J. **Bullying: quando a escola não é um paraíso**. J.Mund Jov., n.364, 2006.

SILVA, KALINA VANDERLEI, MACIEL HENRIQUE SILVA.- 2.Ed, **Dicionário de conceitos históricos**, reimpressão. São Paulo: Contexto,2009.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 6. ed., São Paulo: Martins Fontes, 1998.